

# ENSINO À DISTÂNCIA APLICADO AO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

TAVARES, Maria Cecília

Arquiteta, Mestra em Arquitetura pela UFRGS, Professora titular, Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Jaraguá do Sul (UNERJ) (e-mail: [ceciliatavares@terra.com.br](mailto:ceciliatavares@terra.com.br))

## RESUMO

*O objetivo deste artigo é relatar a experiência da implantação da técnica de Ensino a Distância no acompanhamento dos trabalhos finais de graduação (TFG) do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Jaraguá do Sul (UNERJ). Este processo teve início no 1º semestre de 2004 e desde então a cada semestre vêm se realizando ajustes e avaliações. Os alunos utilizam a internet para a publicação do desenvolvimento de seus trabalhos e os orientadores e coordenadores da disciplina inserem seus comentários. O processo do trabalho pode ser acessado por toda a rede, podendo estar aberto às mais diversas contribuições e favorecendo inclusive intercâmbios entre cursos distantes.*

## ABSTRACT

*This article discusses the experience of implementing Distance Learning as a tool used to supervise the Undergraduate Final Assignments for the Architecture and Urbanism Course of the University Center of Jaraguá do Sul (UNERJ). The process of implementation was begun in the first semester of 2004 and from then on there have been adjustments and evaluations concerning it. The students use the internet to publish their work in progress and the course supervisors and coordinators insert their comments. The students' works in progress may be viewed through the web and may be open to the different and varied contributions that may come, favoring, as a result, interchange among distant courses.*

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência do uso das técnicas de ensino a distância nas disciplinas de Trabalho Final de Graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Jaraguá do Sul (UNERJ).

O Trabalho Final de Graduação em nossa Instituição se inicia no 9º período, com as disciplinas de Projeto Urbanístico e Análise Crítica da Arquitetura. Nesta última é feita uma leitura do panorama contemporâneo, o universo onde o trabalho do futuro profissional será desenvolvido e, na primeira, o aluno escolhe seu tema de trabalho, constrói um conceito e deve chegar a uma proposição prática (um objeto de intervenção, um lugar, critérios construtivos) que tem como limite mínimo uma proposta de implantação. No 10º período o trabalho deve ser desenvolvido em nível de anteprojeto, com todas as soluções tecnológicas definidas e detalhamentos necessários para a compreensão do trabalho. Entende-se que o projeto é fruto de reflexão conceitual e espera-se que neste período o aluno comprove a sua autonomia no manejo dos conhecimentos adquiridos.

Este trabalho é orientado, conforme as normas da ABEA, por um professor arquiteto e urbanista escolhido entre o corpo docente do curso e o processo de trabalho é gerenciado por dois coordenadores professores titulares das disciplinas. Esse gerenciamento se dá através do acompanhamento do desenvolvimento do aluno e a proposição de seminários presenciais que têm como objetivo a leitura crítica dos trabalhos a fim de preparar o aluno para a banca final de avaliação. O início dos trabalhos é marcado pela presença de um convidado externo, com o objetivo de que o aluno entre em contato com uma interpretação externa do momento, sempre pautado em nomes referenciais de pesquisa e crítica na área da Arquitetura e do Urbanismo. Nestes momentos já contamos com a presença de Roberto Segre, Marcelo Tramontano, Fernando Lara, Ruth Verde Zein, Hugo Segawa, Irã Dudeque entre outros. Estes encontros são de suma importância para nosso curso, situado em uma pequena cidade industrial de Santa Catarina, cenário carente de referências e com todo um potencial de transformação e estruturação da paisagem urbana, trabalho este que será desenvolvido principalmente pelos profissionais que serão introduzidos no mercado através de nossa formação.

Se o marco referencial do TFG é a criação do conceito e a leitura crítica de nosso tempo, nada mais correto que trabalharmos este momento no ambiente virtual, característica marcante de

nossa sociedade. Segundo Serres (1966), passamos das eras agrárias e industriais para a era hermética ou angélica, da transmissão, onde as fronteiras se rompem e o saber pode ser compartilhado numa rede universal. Dessa forma urge que o ensino se dê conta das novas tecnologias que estão disponibilizadas e se aproprie destes meios para a produção do conhecimento. Uma realidade nova que envolve, conforme Kenski (2003), a reflexão de várias questões estruturais como o perfil do aluno que terá acesso a esta tecnologia, com qual finalidade, assim como a criação de uma proposta diferenciada de ensino e não apenas a adaptação da forma tradicional. Neste aspecto estamos engatinhando, ensaiando os primeiros passos, entrando em contato com a tecnologia e tomando conhecimento de suas possibilidades.

Esta experiência na UNERJ teve sua origem inspirada pelo conhecimento do trabalho que vem sendo realizado no curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos (FAUEESC) da USP. O entusiasmo do Prof. Dr. Marcelo Tramontano com a utilização das novas mídias na produção do conhecimento foi fundamental para o início de nossas experiências. Apesar das grandes diferenças estruturais entre os cursos dessas duas instituições (FAUEESC e UNERJ) começamos a adotar esta metodologia no 1º semestre de 2004. A primeira dessas diferenças é o caráter público e privado das duas instituições que define tanto o perfil do aluno como o regime de trabalho dos professores. Esses dois fatores se refletem no resultado das produções e na velocidade das respostas a uma experiência inovadora.

As disciplinas também se estruturam de maneira diferente, como já citamos na UNERJ temos a figura do orientador único, e o desenvolvimento do trabalho em dois períodos consecutivos.

Em um primeiro momento esta metodologia nos pareceu ser uma ferramenta interessante para recuperar o caráter coletivo nestes períodos, que, por possuir um caráter não presencial se dissolvia, e fazia com que os alunos não compartilhassem dos trabalhos dos colegas durante o processo e apenas nas bancas, o que gerava um descompasso no ritmo e no produto dos trabalhos. Afinal a autonomia neste momento ainda requer uma mediação. Com o tempo vimos que esta ferramenta possibilita várias outras apropriações como por exemplo a percepção do domínio do trabalho. Quanto maior o domínio do trabalho, melhor as páginas se estruturam, tanto na composição visual como na qualidade da informação. É necessário um discernimento do quê apresentar, afinal a linguagem é diferenciada, deve ser mais sintética e deve ter um apelo visual, qualidades também muito importantes para o profissional da arquitetura. Segundo Kenski (2003: 33) “o estilo visual engendra, obrigatoriamente, não apenas o uso de novos equipamentos para a produção e a apreensão de conhecimentos, mas também novos comportamentos de aprendizagem, novas racionalidades, novos estímulos perceptivos.”

Na UNERJ, a implantação da ferramenta internet nas disciplinas é desenvolvida por um departamento de Ensino a Distância, vinculado ao curso de Pedagogia. Em um primeiro momento o que foi colocado à nossa disposição foram duas páginas com a estrutura de “Fórum”. Na primeira página tivemos a intenção de criar um espaço de reflexão e debate que ainda envolvesse todo o grupo, tentando resgatar o sentido do “coletivo”. Foram propostos três temas para debate, o primeiro na forma de um “aquecimento”, propunha elencar pontos relevantes no debate realizado com a presença do professor convidado. Nesse momento tivemos uns 30% de adesão por parte dos alunos, percebemos que a questão se pautava em criar uma cultura de se acessar o espaço e colocar sua colaboração. No decorrer do semestre foram propostos mais dois temas a partir de um texto disponibilizado no espaço do Prof. Roberto Righi sobre a entrada do acadêmico no mercado profissional, mas dessa vez os alunos já haviam se envolvido com seus trabalhos individuais, o que prejudicou o interesse em participar desse espaço.

A segunda página era individual e foi chamada de “produções”. O acesso ao trabalho de cada aluno se fazia através da lista de chamada entre os matriculados na disciplina. Como se tratava de uma estrutura de fórum os coordenadores da disciplina inseriam um texto de introdução ao qual os alunos respondiam com a apresentação de seus trabalhos desenvolvidos. Nessa página houve 60% de adesão, o que possibilitou atingirmos um bom resultado: a possibilidade de todos poderem compartilhar o processo de forma integral, tanto professores como alunos. Os orientadores registraram seus assessoramentos e os alunos deveriam registrar sua produção (desenhos, mapas, fotos, textos). Detectamos então dois problemas: o Departamento de Ensino a Distância desconhecia as formas de apresentação dos trabalhos de nosso curso e não oferecia

um espaço compatível com o tamanho dos arquivos. Por outro lado, os alunos não tinham a preocupação de produzir arquivos mais “leves”, compactados e assim a publicação de vários trabalhos foi inviabilizada, esvaziando o processo. No 10º período, fase de intensa produção projetual, a página esvaziou-se por completo. Outro problema detectado nessa primeira experiência foi o acesso restrito, apenas as pessoas cadastradas poderiam acessar a página através de seu e-mail institucional. Pedimos o acesso aos alunos da fase e a todos os professores do curso, mas a nossa intenção era que a estrutura fosse realmente aberta à rede (como acontece na FAUEESC), o que poderia gerar um intercâmbio mais abrangente.

No segundo semestre conseguimos implantar um sistema aberto, com os alunos criando suas próprias páginas. Iniciamos novamente no 9º período. A estrutura ficou bem mais interessante pois a elaboração da página auxilia e reflete a conceituação do trabalho. Nesse momento perderam-se as visualizações dos comentários, pois os alunos inseriam um “link” para o seu e-mail, restringindo o debate. A falta de espaço continuou a ser um fator de dificuldade e o fórum coletivo foi ignorado pelos alunos que se concentraram na criação de suas páginas individuais. Entretanto a possibilidade de acessar a página do colega se mantinha interessante para a comparação dos diferentes estágios de evolução. A cada semestre realizamos um novo treinamento para a estrutura, aberto também aos alunos do 10º período que ainda têm dificuldades com o manejo da tecnologia. Implantamos os seminários coletivos onde exigimos que os trabalhos estejam publicados na página para serem apresentados. Essa estratégia tem funcionado e temos conseguido a participação de 90% dos alunos. Para recuperar a visualização dos comentários foi criado um espaço de “contribuições” para cada projeto, onde os professores e colegas podem participar.

Atualmente estamos na 4ª edição dessa metodologia, nossa página tem se mantido aberta, com o espaço de contribuições e a obrigatoriedade de inclusão do material em datas específicas. Em reunião de avaliação junto ao Ensino a Distância decidiu-se treinar um bolsista, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo para dar suporte aos alunos do TFG. Em recente reunião de colegiado foi proposto que esse espaço comece a ser disponibilizado mais cedo para os alunos, para o acompanhamento dos trabalhos interdisciplinares. Dessa proposição confirma-se a aceitação e o interesse pelo novo ambiente para a educação, e também espera-se que o aluno chegue ao TFG com mais habilidade para trabalhar com essa linguagem.

Temos consciência de que essa metodologia ainda não encontrou seu formato ideal, mas como qualquer outra ferramenta pedagógica, deve prosseguir se atualizando a partir das avaliações de cada semestre. Através do uso dessa tecnologia encontramos soluções para alguns problemas recorrentes na estrutura anterior, como o processo de individualização dos alunos, o descompasso das etapas de trabalho, e também o registro do processo de trabalho de cada aluno, entretanto vislumbramos novos desafios para utilizá-la em todo seu potencial. Algumas das maiores vantagens ainda não se tornaram conscientes aos próprios alunos, ou seja de como tirar proveito de estar integrado a essa rede global de informações.

## **Bibliografia**

SERRES, Michel. Atlas. França: Flamarion, 1996 (1); KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2003 (2)